

De cada tonelada dos rejeitos da usina de concentração de ferro de Cauê são extraídas três gramas de ouro

Resto de ferro produz ouro e violência

Nairo Almeri

Itabira, MG — A queda, de 5 mil para 300, no número de garimpeiros da grota do Minervino, junto à usina de concentração de ferro da mina do Cauê, não reduziu na mesma proporção a violência que marca, desde 1983, o relacionamento da Cia. Vale do Rio Doce com aqueles que disputam o ouro contido no rejeito do minério. A empresa tenta afastar os remanescentes, alegando que o teor de ouro é baixo — três gramas por tonelada de rejeito — mas concorre com os métodos tradicionais dos garimpeiros com uma moderna usina de reprocessamento do minério.

O superintendente de minas da Vale em Itabira, engenheiro Juares Fonseca, não esconde que a usina para reprocessar o rejeito e extrair o ouro é das "mais sofisticadas", sendo cercada por uma base de concreto considerada intransponível. É vigiada por circuito interno de TV, o portão só abre por dentro, a roupa dos 30 funcionários é trocada e monitorada e existe comunicação por rádio, para prevenir cortes da linha telefônica. Em operação há dois anos, a usina, com capacidade para produzir até 700 quilos de ouro por ano, recuperou em 1986, 115 quilos do metal contido nos rejeitos da Cauê, segundo Juares Fonseca.

"Muito ouro"

O rejeito do minério de ferro da Cauê deixou de ser atirado na grota do Minervino, após vários casos de violência, com denúncias, não apuradas, de mortes de garimpeiros, baleados por vigilantes da própria Vale e de uma empresa contratada, a VIP-Vigilância Industrial Particular. A empresa retém parte junto à usina, e o restante, através de canaletas de concreto, com 80 centímetros de altura e 60 de largura, é conduzido diretamente para a barragem do Pontal. Essa canaleta é cercada por telas e vigiada por pessoal armado dia e noite.

Mal acomodados em barracas de plástico, alguns com toda a família no

Minervino, onde deságua parte do esgoto das casas do bairro Vista Alegre, e insatisfeitos por não obterem mais a mesma produção diária de ouro, que, no começo do garimpo, em 1983, estava em uma média de 15 gramas por cada uma das 200 bombas instaladas — hoje são cerca de 50 — os garimpeiros se arriscam. Equipados com macacos hidráulicos, serras, alavancas, maçaricos portáteis, alicates e outras ferramentas, eles entram nas áreas proibidas. Invadem desde a canaleta até o depósito de rejeito mais nobre que a Vale mantém junto à sua usina de reprocessamento, a menos de 200 metros da portaria central da concentração do Cauê, onde está o quartel-general da vigilância.

Lá na canaleta tem muito ouro. Eu sei de um garimpeiro que deixou, por três horas, um tapete de 80 centímetros por dois metros e meio no fundo da canaleta, saiu com 60 quilos de material para o repasse e apurou 900 gramas de ouro — conta José Francisco Neto, 46, o Zé Xico, que teve em Belo Horizonte um bar e uma firma de colocação de divisórias e carpetes. Hoje, além de ter uma bomba num poço do Minervino, onde, diz, não consegue mais do que um grama de ouro por dia, ele vende umas 20 marmittas por dia para garimpeiros, a Cz\$ 23,00. Há quatro anos, servia até 80 marmittas diariamente.

A grota do Minervino atraiu também alguns jovens. Paulo Clério da Silva, 24 anos, ex-estudante de história na Universidade Federal de Ouro Preto, é um deles. Mais conhecido pelo apelido de Cenoura, ele diz que numa sortida até a usina de reprocessamento da Vale, aonde chegou passando por uma manilha, retornou, em duas horas de trabalho, material que deu para apurar 500 gramas de ouro.

Mas sei de garimpeiro que foi lá e descobriu no meio dos montes de rejeito pepitas de quatro a cinco gramas de ouro — afirma Paulo Clério. Ele disse que foi preso no dia 22 do mês passado, por volta de 1h da madrugada, por um vigilante da Vale e dois da VIP, e apanhou até as 6h30min. "Eu ia entrar no sábado, na

mudança de turno da meia-noite, mas houve problemas e a usina não parou. No domingo, entrei. Mas, como estou sem relógio, fiquei além de 1h, quando é feita nova troca de turno e eu deveria sair. Além disso, dei azar, porque outros garimpeiros estavam invadindo a área junto ao alambrado e a vigilância ficou esperta", contou o garimpeiro.

Mesmo na área já revirada, a produção de ouro ainda justifica a permanência no Minervino, segundo Edna Maria Barbosa Caldeira, 34 anos. Ela e o marido, Mário Rodrigues Caldeira, possuem há quatro anos uma bomba e apuram, segundo Edna, três gramas de ouro por semana, contra 40 gramas, até meados do ano passado.

A Vale faz despejos de águas sujas de óleo pelo manilhão pelo qual, até 1983, descia o rejeito. "Ela quer nos expulsar daqui. O máximo que tem conseguido é entupir nossas bombas", protesta a garimpeira, que se queixa, ainda, dos compradores de ouro, instalados em meia dúzia de casas no bairro Bela Vista, com nomes de Balança de Ouro, Dedinho de Ouro, Bateia de Ouro, Esteira de Ouro e Aguiá de Ouro —, que pagam sempre Cz\$ 100,00 menos do que a cotação oficial do dia.

Sargentos corruptos

Zé Xico, que há um ano fechou sua casa no bairro Renascença, em Belo Horizonte, e levou a mulher e quatro filhos — o mais velho tem 17 anos — para o garimpo, disse que 90% dos garimpeiros que foram recolher rejeito na canaleta já apanharam dos vigilantes da Vale ou da VIP. Segundo Zé Xico, na mesma noite em que Paulo Clério foi preso seu filho mais velho e filhos de outros garimpeiros também foram apanhados na canaleta e obrigados, pelos vigias, a baterem uns nos outros.

O Arnaldo Damas é o terror dos garimpeiros. Ele prende, manda bater e, depois, solta os garimpeiros nas estradas de Santa Maria do Itabira, distante 30 quilômetros daqui — conta Zé Xico,

relacionando os mais violentos Capitão Lacerdino, o Zé do Fação (bate nos garimpeiros com um facão), Zé Maria e o Madureira. Arnaldo Damas é supervisor de segurança da Vale. Os outros são da VIP, que foi contratada pela mineradora em setembro de 1983.

Juares Fonseca diz que não ignora a violência em torno do garimpo. "No começo, houve luta corporal, pedradas e tiros dos dois lados. Felizmente, hoje a situação está sob controle, mas permanece o risco de invasões e nós continuamos intransigentes em não permitir que o garimpo avance além do permitido pelo juiz, principalmente nas áreas industriais, porque, além do risco de acidentes com máquinas pesadas, temos de preservar o patrimônio dos acionistas", diz o superintendente de minas, que se recusa a responder pelas acusações contra a VIP, empresa contratada para executar a vigilância fora das instalações industriais. Quanto à fama de Arnaldo Damas entre os garimpeiros, disse que leu apenas nos jornais da cidade.

Era tudo ou nada — resumiu Arnaldo Damas, ao falar sobre a violência no garimpo da grota do Minervino. "Se, naquela época, não mostrássemos pulso, perderíamos o controle da usina toda", diz o superintendente de vigilância da Vale, que atribui a sua má-fama entre os garimpeiros ao fato de "não fazer jogo" (aceitar propina para permitir as invasões).

Arnaldo Damas culpa, em grande parte, a VIP, que usa ex-sargentos da Polícia Militar no serviço. "A nossa vigilância contratada não é confiável. A VIP mantém 350 homens aqui, mas 80% não são confiáveis, aceitam dinheiro dos garimpeiros", acusou o funcionário da Vale. Ele disse que já houve troca de mais de 300 vigilantes da VIP e cerca de 40 ex-sargentos. "No quadro da vigilância da Vale a última admissão foi há seis anos e só houve uma demissão, de um vigilante que estava atravessando o rejeito de minério a ser trabalhado para retirada do ouro", assegurou.

Equipamento recupera 98% do mercúrio

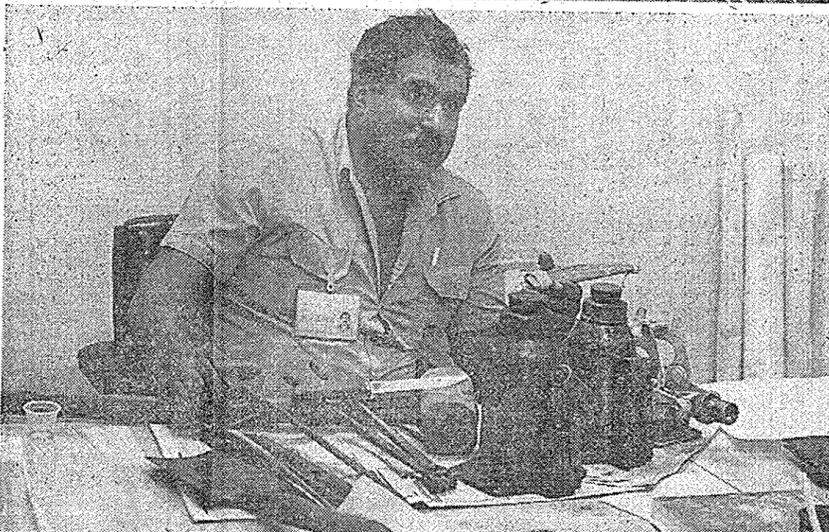
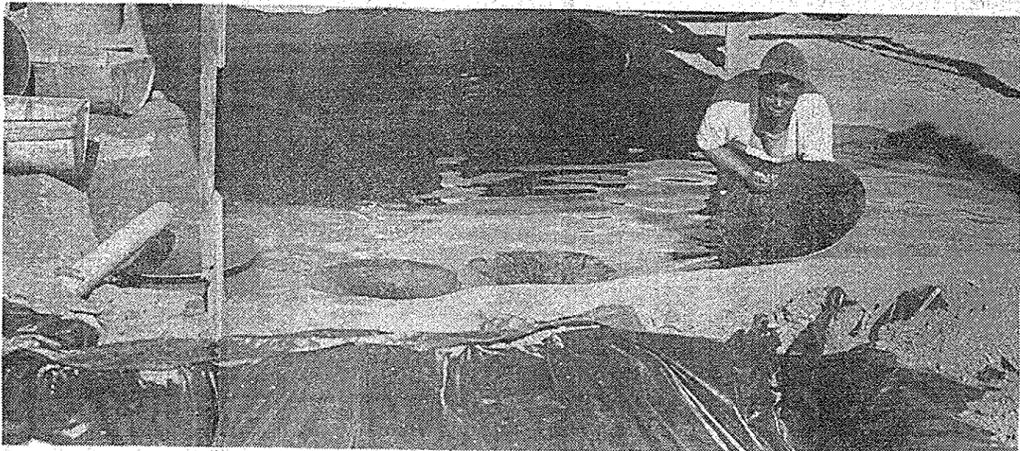
Belo Horizonte — O DNPM (Departamento Nacional da Produção Mineral) projetou e desenvolveu um equipamento, pesando menos de 300 quilos, capaz de recuperar até 98% do mercúrio depositado nos leitos dos rios e, ao mesmo tempo, dependendo do rejeito, retirar três gramas de ouro, em média, por tonelada de material processado. O equipamento foi testado no garimpo de Apiacás, em Goiás, e se encontra agora em Serra Pelada, no Pará, segundo revelou o diretor-geral do DNPM, José Belfort dos Santos Bastos.

Poderá ser um grande achado para a preservação do meio ambiente e para a atividade econômica de extração de ouro — comentou José Belfort, adiantando que o DNPM não irá patentear o invento. "Nós estamos mesmo interessados num ampla difusão desse equipamento", ressaltou. Ele fez questão de frisar que nos testes feitos no garimpo de Apiacás, onde existe uma concentração de 500 garimpeiros, o equipamento chegou a retirar uma média de 100 gramas por tonelada de material processado.

Esse recuperador de mercúrio, como é identificado o equipamento (DNPM já tem dois), opera movido por um pequeno motor a combustão. O processo básico do sistema é por gravimetria Tromel, ou seja, com um conjunto de peneiras rotativas dentro de um cilindro, mas com a espiral invertida. Assim, o material leve sobe e o pesado desce logo em seguida. No caso do ouro, o material passa por uma bateia e é recuperado.

O mercúrio recuperado é armazenado e, segundo garante o diretor do DNPM, poderá ser reciclado pelas indústrias.

O recuperador do DNPM, que despertou interesse de algumas empresas, pode processar até 100 m³/hora de rejeito ou lodo dos leitos dos rios. Belfort dos Santos diz que duas pessoas são suficientes para operar o equipamento, cujo preço de mercado estimou em torno de Cz\$ 250 mil.



Edna Maria e seu marido, Mário, têm quatro bombas e obtêm três gramas de ouro por semana, contra 40 gramas que conseguiram até meados do ano passado. O supervisor de segurança da Vale, Arnaldo Damas, acusado pelos garimpeiros de cometer violências, mostra algumas ferramentas que eles utilizam para entrar nas áreas proibidas